

Estudo sobre o bem-estar/mal-estar docente na perspectiva dos professores de História da educação básica

Gabriela Alves Monteiro¹

Resumo: Este estudo visou identificar os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar e do mal-estar docente, partindo da perspectiva dos professores de História da educação básica. Além disso, buscou indicar os níveis de bem-estar no trabalho apresentados pelos professores. Para tanto, foi utilizada a Escala de Bem-Estar no Trabalho (EBET), proposta por Paschoal e Tamayo (2008). O questionário foi aplicado junto a 21 professores de História que lecionam em escolas das redes pública e privada. Como técnica de análise de dados foi utilizada a estatística descritiva e a análise de conteúdo. A pesquisa concluiu que 52% dos professores apresentam características de bem-estar e 48% não. Concluiu também que mal-estar docente se apresenta de maneira distinta entre os professores das escolas públicas e os das privadas, e que a sua incidência tem influenciado negativamente a prática educativa e o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Bem-estar docente; Mal-estar docente; Professores; História; Educação básica.

Abstract: This study aimed to identify the factors that most influence the incidence of teacher welfare and malaise, starting from the perspective of the teachers of History of basic education. In addition, it sought to indicate the levels of well-being at work presented by teachers. For that, the Occupational Well-Being Scale (EBET), proposed by Paschoal and Tamayo (2008), was used. The questionnaire was applied to 21 History teachers who teach in public and private schools. Descriptive statistics and content analysis were used as data analysis techniques. The research concluded that 52% of teachers have well-being characteristics and 48% do not. It also concluded that teacher malaise presents itself differently between public and private school teachers, and that its incidence has negatively influenced the educational practice and the teaching-learning process.

Keywords: Teacher well-being; Teacher malaise; Teachers; History; Basic education.

Teacher well-being and malaise the perspective of the teachers of history of basic education

¹ Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professora colaboradora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: gabbimonteiro@outlook.com

1. Introdução

Este estudo visou identificar os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar e do mal-estar docente, partindo da perspectiva dos professores de História da educação básica. Além disso, buscou indicar os níveis de bem-estar no trabalho apresentados pelos professores. Para tanto, foi utilizada a Escala de Bem-Estar no Trabalho (EBET) proposta por Paschoal e Tamayo (2008). A pesquisa é de natureza mista (qualitativa e quantitativa) e tem como instrumento de coleta de dados o questionário (com questões abertas e fechadas). O questionário foi aplicado junto a 21 professores de História que lecionam em escolas das redes pública e privada. A investigação ocorreu na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, Brasil. Como técnica de análise de dados foi utilizada a estatística descritiva e a análise de conteúdo.

A questão do bem-estar/mal-estar docente adquiriu relevância nos debates acadêmicos e recebeu substancial interesse dos pesquisadores ao longo dos últimos anos. A maioria desses trabalhos aponta a existência de uma correlação entre o mal-estar e as transformações sociais, políticas e educacionais operadas nas últimas décadas. Entre essas mudanças, destacam-se duas que causam um impacto especial na ação educadora: o crescimento da “era da informação” e a configuração de uma sociedade cada vez mais multicultural (MARCHESI, 2008). A análise da literatura sobre o tema também permitiu perceber que alguns pesquisadores buscaram discutir os fatores responsáveis pela presença do mal-estar entre os professores sugerindo formas para o alcance do bem-estar. Nesses estudos, observou-se a existência de uma sobrecarga de tarefas atribuídas aos docentes, além de outras dificuldades que se apresentam como constantes e crescentes e que acabam cercando as condições de formação e de trabalho dos professores (SAMPAIO e MARIN, 2004). Outra tendência encontrada na literatura é a abordagem negativa da temática. Atualmente, existem mais trabalhos sobre o mal-estar do que sobre o bem-estar docente, o que pode ser um indicador preocupante sobre como anda a saúde física e mental dos professores.

Um estudo recente efetuado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) constatou que o Brasil se configura como um dos países mais hostis para professores, especialmente os das escolas públicas². Esses professores, em sua maioria, sofrem com baixos salários, salas lotadas, longas jornadas de trabalho e até mesmo com o risco de agressões. A pesquisa ainda indicou que os professores brasileiros dos ensinos médio

² Pesquisa divulgada no site: PORTAL BBC BRASIL. Apesar de homenagens, professor brasileiro ganha mal e sofre mais violência. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39135600>> Acesso em: 06 de março de 2017.

e fundamental recebem menos da metade que a média dos países membros da OCDE e são os que trabalham mais semanas ao ano (média de 42 semanas anuais, enquanto a média da OCDE são 40 semanas e 37 nos cursos técnicos). Esses dados apenas reafirmam informações repetidamente levantadas pela literatura pedagógica sobre as más condições de trabalho dos professores no Brasil.

Schmidt (1998) já havia apontado que há muito se fala da rudeza do ofício de professor e isso se aplica com pertinência ao professor de História. Com relação a esse aspecto, observa-se que “formado, o professor de História, como tanto outros, envolve-se com encargos familiares, com a luta pela sobrevivência e quase sempre não dispõe de tempo e nem de dinheiro para investir em qualificação profissional” (SCHMIDT, 1998, p. 55). Ainda de acordo com Schmidt, as preocupações dos professores estão relacionadas com sua profissão, sua família e seu progresso cultural. Ele também convive com a insegurança e a defasagem entre sua própria formação e o aceleração contínuo dos novos estudos e pesquisas do conhecimento histórico. Para essa pesquisadora, a imagem do professor de História é também ambígua: oscila entre o sacerdote, uma espécie de detentor do conhecimento do passado e o militante, uma espécie de líder revolucionário. Destacamos que no contexto atual, em que assistimos o avanço político da direita no país, o professor de História vem perdendo *status* social e a imagem do profissional dessa área é, muitas vezes, tachada de “doutrinadora” e/ou “esquerdista”, numa perspectiva negativa dos termos.

Entre imagens e representações sobre o professor de História no Brasil, o que se observa é que seu processo de formação e as suas condições de trabalho continuam marcadas pelas dificuldades, pela falta de recursos físicos e materiais e pela falta de verbas (CERRI, 2013). Além disso, as constantes reformas educacionais, como a controversa reforma do ensino médio, que vem sendo proposta pelo atual governo, fazem com que as pressões sobre o ensino se tornem cada vez maiores. Isso porque, há muito a escola se constituiu como um espaço complexo de disputas políticas e intelectuais (SILVA e FONSECA, 2010). Em meio a essas disputas, o professor se sente, muitas vezes, sobrecarregado, desorientado e perplexo (MARCHESI, 2008), o que pode influenciar negativamente a sua prática educativa e o processo ensino-aprendizagem, além de trazer graves prejuízos a sua saúde física e psicológica. Nesse sentido, considere que seria importante uma análise sobre o bem-estar/mal-estar docente a partir da percepção dos professores de História. A pesquisa visou dar um contributo para o desenvolvimento do estudo sobre o tema, principalmente no Estado do Piauí, onde não encontramos muitos trabalhos acadêmicos que validem as proposições

expostas pelo referencial teórico³. A investigação ainda permitiu vislumbrar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de História na educação básica. Dessa forma, os resultados obtidos podem colaborar para um melhor conhecimento sobre os fatores que mais influenciam o bem-estar e o mal-estar desses profissionais. Sabendo disso, é possível adotar um conjunto de medidas ou de políticas que possibilitem melhorar o bem-estar e diminuir a incidência do mal-estar entre os professores.

2. Referencial teórico

Para uma melhor compreensão dos aportes teóricos desta investigação, tornou-se necessário a apresentação dos conceitos adotados e problematizados no desenvolvimento da pesquisa. São eles o de Bem-estar no trabalho e os de Bem-estar e Mal-estar docente. Apesar de aparentemente se tratarem de conceitos óbvios, esses termos vêm dando lugar as mais variadas interpretações, cabendo aqui uma síntese sobre algumas definições utilizadas nas pesquisas científicas.

2.1. Bem-estar no trabalho

Buscamos a compreensão do conceito de Bem-estar dialogando com alguns apontamentos da Filosofia e da Psicologia Organizacional e do Trabalho. De acordo com Siqueira e Padovam (2008), diversos pesquisadores empenharam-se, nas últimas décadas, para construir conhecimento e trazer evidências científicas sobre o bem-estar. As concepções mais proeminentes da atualidade refletem visões filosóficas distintas sobre a felicidade e podem ser organizadas em duas grandes perspectivas. A primeira aborda o estado subjetivo de felicidade e se denomina bem-estar subjetivo (Hedonismo). Nessa perspectiva, o bem-estar é entendido como sinônimo de prazer ou felicidade. A segunda investiga o potencial humano e trata de bem-estar psicológico (Eudemonismo). Aqui a noção de bem-estar consiste no pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, no seu desenvolvimento ou ainda na capacidade para enfrentar os desafios da vida. Além dessas duas perspectivas, podemos citar também a do Bem-Estar Social. Nessa abordagem o bem-estar compreende a situação e o funcionamento de um sujeito na sociedade (COVACS, 2006).

Já com relação ao bem-estar no trabalho, este pode ser concebido, ainda segundo Siqueira e Padovam (2008), como um conceito integrado por três componentes: satisfação no

³ Sobre as pesquisas em Teresina, podemos citar que Lima e Carvalho (2013) realizaram um estudo com o objetivo de investigar os significados e sentidos do mal-estar docente produzidos por professores em início de carreira e suas relações com a identidade docente que está se constituindo. A pesquisa concluiu que a professora inicialmente sentiu medo, mas foi superando e passou a se sentir satisfeita e realizada. Ressaltamos que o estudo de Lima e Carvalho não foca nos profissionais de História e, por se tratar de um estudo de caso, não podemos generalizar os resultados obtidos a todos os professores.

trabalho, envolvimento com o trabalho e comprometimento organizacional afetivo. Esses componentes foram consolidados no campo da Psicologia Organizacional e representam os vínculos positivos da pessoa com o trabalho e com a organização empregadora.

Apesar de ser largamente utilizado em trabalhos científicos, esse tipo de definição se adequa melhor aos ambientes, o que não é o nosso caso. Desse modo, neste artigo adotaremos o conceito de bem-estar no trabalho tal como definido por Paschoal e Tamayo, como sendo “a prevalência de emoções positivas no trabalho e a percepção do indivíduo de que, no seu trabalho, expressa e desenvolve seus potenciais/habilidades e avança no alcance de suas metas de vida” (PASCHOAL e TAMAYO, 2008, p. 16). Ainda de acordo com esses autores, o bem-estar no trabalho inclui tanto aspectos afetivos (emoções e humores) quanto cognitivos (percepção de expressividade e realização) e engloba os pontos centrais da abordagem hedonista e da abordagem eudemonica. Além disso, essa definição permite que o conceito seja aplicado em diferentes contextos de trabalho, organizacionais ou não. Assim, essa definição melhor se aplica aos objetivos propostos neste artigo.

2.2. Mal-estar/bem-estar docente

Esteve (1999) definiu o mal-estar docente como “uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui” (ESTEVE, 1999, p. 144). Para esse pesquisador, o termo mal-estar surgiu na literatura pedagógica como uma forma de resumir um conjunto de reações dos professores como um grupo profissional desajustado diante de mudanças sociais.

Neste mesmo viés, Jesus (1998) entende que o conceito de mal-estar traduz uma realidade causada por diversos indicadores. Entre eles, é possível citar o crescimento da “era da informação” e a democratização do ensino. Nessa nova configuração, a transmissão do conhecimento, que antes era função apenas do professor, hoje também pode ser realizada pelas tecnologias de informação e comunicação, como a internet. De fato, podemos perceber uma crescente desvalorização da imagem/figura do professor que é, por vezes, visto como um profissional quase que substituível. Também podemos citar a democratização do ensino, que tem como consequência o aumento do número de alunos e de professores, mas sem a necessária qualificação destes.

Por sua vez, Cordeiro (2007) constata que atualmente é perceptível um acentuado descompasso entre as rápidas mudanças que acontecem em todos os setores da sociedade e a resistência ou permanência das estruturas básicas de ensino, e isso vem trazendo

consequências muito complicadas para os professores. Ainda segundo esse autor, cada vez mais esses profissionais recebem uma sobrecarga de tarefas, com a intensificação do ritmo de trabalho e as pressões de tempos e prazos curtos. Como uma das consequências disso é possível observar o aparecimento de uma doença profissional, conhecida como síndrome da desistência ou *Burnout*. A síndrome de *Burnout* é caracterizada por um estado de exaustão física, emocional ou mental. Para Cordeiro, uma das causas dessa doença é natureza aberta do ensino: “trata-se de um trabalho que jamais se acaba nem se esgota: sempre há mais a fazer, mais a ensinar, mais a cuidar” (CORDEIRO, 2007, p. 58).

Por sua vez, Niches (2010) pontuou que o mal-estar docente é significado enquanto produto de um contexto, onde estão associados elementos estruturais como a burocratização da educação, as gestões escolares, a questão salarial e a falta de apoio.

Apesar da gravidade do mal-estar docente, muitos professores conseguem reagir face às dificuldades profissionais. Segundo Picado (2009), o processo de desenvolvimento de bem-estar/mal-estar docentes pode ser explicado da seguinte forma: os professores tendem a avaliar os potenciais fatores profissionais como desafios (interpretação positiva) ou como problemas (interpretação negativa). Para esse autor, “estas interpretações conduzem a diferentes reações de alarme que antecedem uma posterior fase de resistência em que o professor procura adaptar-se à situação potencialmente problemática” (PICADO, 2009, p. 4). Nessa perspectiva, o bem-estar docente se traduziria na motivação e na realização do professor em virtude de um conjunto de competências de resiliência e de estratégias para superar as dificuldades.

3. Metodologia

De acordo com Gil (2002), uma pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Por meio desses procedimentos é possível analisar os fatos do ponto de vista empírico e também confrontar a visão teórica com os dados obtidos. Com base nessas constatações, este tópico apresenta todos os aspectos da metodologia adotada nesta investigação.

Com o intuito de alcançar os objetivos e responder as questões da investigação, recorreu-se a uma metodologia de índole mista. A pesquisa do tipo mista combina os métodos de natureza qualitativa e quantitativa. No método misto é possível utilizar instrumentos de recolha de dados que apresentem questões abertas e fechadas, incluindo procedimento de

análises estatísticas e análises textuais. Por essas características, se apresenta como o método mais indicado para o tipo de pesquisa aqui proposto.

A pesquisa ainda se caracteriza como descritiva, uma vez que tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 2002, p. 42). No caso, recorreremos à descrição para a caracterização dos participantes, sua distribuição por idade, sexo, nível de escolaridade e tempo de trabalho.

Os participantes da pesquisa foram 21 professores de História que lecionam em escolas das redes pública e privada. A amostra foi definida por acessibilidade, embora tenha havido o cuidado de verificar se a amostra selecionada era representativa em relação aos objetivos propostos.

O instrumento de recolha de dados foi o questionário. De acordo com Markoni e Lakatos (1999), o questionário pode ser definido como um “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. (MARKONI e LAKATOS, 2003, p. 201). Uma das vantagens desse tipo de instrumento é que ele atinge um maior número de pessoas simultaneamente e obtém respostas mais rápidas e exatas.

O questionário aplicado nesta investigação é uma adaptação da Escala de Bem-Estar no Trabalho (EBET), elaborada e validada por Paschoal e Tamayo (2008). A principal vantagem dessa escala é a possibilidade de aplicação em diferentes situações de trabalho, não apenas em contextos organizacionais.

A EBET permite medir os níveis de bem-estar no trabalho e é composta por 30 itens divididos em três fatores: Afeto positivo ($\alpha = 0,93$), Afeto negativo ($\alpha = 0,91$) e Realização ($\alpha = 0,88$). Os dois primeiros fatores (afetos positivo e negativo) expõem uma lista com 21 itens que representam emoções e humores, como por exemplo: feliz, disposto, frustrado e ansioso. Foi pedido aos respondentes que informassem como se sentiam em relação ao seu trabalho com base na avaliação desses itens em uma escala de 1 a 5, em que: 1 – significa nem um pouco, 2 – significa um pouco, 3 – significa moderadamente, 4 – significa bastante e 5 – significa extremamente. Na parte representada pelo terceiro fator (realização), os respondentes deveriam avaliar 9 afirmações de acordo com suas opiniões sobre o trabalho (ex.: “No meu trabalho eu realizo atividades que expressam minhas capacidades”). Nesse fator, os respondentes podiam avaliar as afirmações apresentadas utilizando uma escala de cinco pontos, em que: 1 – significa discordo totalmente, 2 – significa discordo, 3 – significa concordo em parte, 4 – significa concordo e 5 – significa concordo totalmente.

Além de medir os níveis de bem-estar no trabalho, esta pesquisa também objetivou identificar os fatores mais influenciam a incidência do bem-estar e do mal-estar dos professores de História da educação básica. Para tanto, foram formuladas duas questões de respostas abertas no questionário, em que os inquiridos podiam indicar esses fatores, se houvessem. Por fim, o questionário também contou com uma parte denominada “informações sobre o respondente”, que visava a caracterização dos participantes. No total, o questionário apresentou 40 questões.

As respostas foram obtidas através do correio eletrônico. Foi enviado um e-mail aos participantes explicando o que se pretendia com a investigação, durante os meses de fevereiro e março de 2017. O procedimento obteve o total de 21 respostas. Como técnica de análise de dados foi utilizada a estatística descritiva e a análise de conteúdo.

4. Análise e interpretação dos dados

O processo de análise de dados remete à codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Já a interpretação consiste em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, que podem ser derivados de teorias ou de estudos realizados anteriormente (GIL, 2002). Neste artigo, para uma melhor compreensão dos resultados, a análise e a interpretação dos dados utiliza-se de tabelas.

4.1. Caracterização dos participantes

Dentre os participantes, observamos um predomínio de professores do sexo masculino, sendo 57% homens e 43% mulheres. Observamos ainda que a amostra foi composta por um público jovem: 90% dos professores que responderam ao questionário possuem menos de 30 anos. Em relação à escolaridade, 62% são graduados, 9% são especialistas e 29% são mestres. Desses, 57% lecionam em escolas públicas, 33% lecionam em escolas particulares e 10% lecionam concomitantemente em escolas públicas e particulares. Já com relação ao regime de trabalho, constatamos que 52% possuem carga horária de até 20 horas semanais, 38% entre 20 e 40 horas semanais e 10% trabalham mais de 40 horas semanas. Em relação ao tempo na função, notamos que 76% lecionam a disciplina História há menos de 5 anos, 14% a lecionam entre 5 e 10 anos e 10% a lecionam por mais de 10 anos, como pode ser melhor observado na tabela abaixo:

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

	Total = 21	(%)
Sexo:		
Feminino	9	43%
Masculino	12	57%
Faixa etária:		

Menos de 30 anos	19	90%
Entre 30 e 50 anos	1	5%
Acima de 50 anos	1	5%
Escolaridade:		
Graduado	13	62%
Especialista	2	9%
Mestre	6	29%
Local de trabalho:		
Escola pública	12	57%
Escola particular	7	33%
Escola pública e particular	2	10%
Carga horária no trabalho:		
Até 20 horas semanais	11	52%
Entre 20 e 40 horas semanais	8	38%
Acima de 40 horas semanais	2	10%
Tempo na função:		
Menos de 5 anos	16	76%
Entre 5 e 10 anos	3	14%
Mais de 10 anos	2	10%

Fonte: dados da pesquisa

Em resumo, os participantes da pesquisa são, em sua maioria, homens e mulheres jovens, que possuem como formação mínima a graduação. Além disso, a maioria leciona em escolas públicas, trabalha menos de 20 horas na semana e desempenha a função há menos de 5 anos.

4.2. Níveis de bem-estar no trabalho

Para a avaliação dos níveis de bem-estar no trabalho apresentados pelos professores de História da educação básica foi utilizada a EBET. A técnica de análise de dados adotada foi a estatística descritiva. A estatística descritiva pode ser definida como o procedimento que determina a convergência ou divergência das respostas. Ela fornece um resumo simples sobre a amostra e permite observações. Os resultados obtidos por meio dessa análise podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 2 - Resultados da análise estatística descritiva para os fatores em estudo

Número de participantes = 21	Afetos positivos	Afetos negativos	Realização
Média	3,28	2,34	3,72
Desvio Padrão (dp)	0,79	0,77	0,55
Mínimo	1	1	1
Máximo	5	5	5

Fonte: dados da pesquisa

Os resultados das análises descritivas de todas as respostas mostram que a dimensão afetiva no trabalho teve média de 3,28 para Afetos positivos ($dp= 0,79$) e 2,34 para Afetos negativos ($dp= 0,77$). O fator Realização, que teve a maior média, foi de 3,72 ($dp= 0,55$). Destacamos que os professores responderam as questões numa escala de 1 a 5 e que quanto maior for a média das respostas mais satisfeitos estão os professores em relação a esse fator, uma vez que os itens que constam no inquérito foram construídas no sentido positivo. Para efeitos desse artigo, consideramos elevado o valor que seja maior que o ponto médio da escala, ou seja, valores > 3 . Desse modo, as médias informam que, em geral, os professores apresentam elevados índices de afetos positivos no trabalho (média > 3) e baixos índices de afetos negativos no trabalho (média < 3). Além disso, notamos que, de modo geral, eles se sentem realizados no trabalho (média > 3). Porém, ressaltamos que esses dados apresentam a média das respostas de todos os professores em conjunto e não individualmente.

Também foi possível identificar os afetos positivos e negativos mais prevalentes entre os professores de História no trabalho. A Tabela 3 lista os afetos mais prevalentes por ordem decrescente de médias:

Tabela 3 - Resultados da análise descritiva dos cinco afetos mais prevalentes

Afetos Positivos	Média	Afetos Negativos	Média
Orgulhoso	3,8	Preocupado	2,8
Contente	3,3	Ansioso	2,6
Empolgado	3,2	Incomodado	2,5
Feliz	3,2	Chateado	2,5
Alegre	3,2	Nervoso	2,5

Fonte: dados da pesquisa

Dos 9 afetos positivos no trabalho listados, os mais prevalentes entre os professores foram respectivamente: orgulhoso, contente, empolgado, feliz e alegre. Dos 12 afetos negativos listados, os mais prevalentes foram respectivamente: preocupado, ansioso, incomodado, chateado e nervoso. Observamos que as maiores médias de afeto positivo estão acima do ponto médio da escala (o ponto médio é representado pelo valor 3, que significa moderadamente). Os afetos negativos estão abaixo da média (ou seja, todos estão < 3).

Por fim, foi possível identificar entre os professores quantos apresentam elevados níveis de bem-estar no trabalho e quantos não apresentam. Isso foi feito através das médias individuais das respostas no questionário. De acordo com Paschoal e Tamayo (2008), o bem-estar no trabalho se caracteriza quando os indivíduos apresentam elevadas médias de afetos

positivo e de realização (médias > 3) e baixas médias de afetos negativos no trabalho (médias < 3). Os resultados podem ser observados na tabela abaixo. Ressaltamos que os valores fora do padrão foram destacados em vermelho e mantivemos o anonimato. Dessa forma, os professores foram identificados por números (de 1 a 21).

Tabela 4: Médias individuais nos fatores

	Média no fator Afetos positivos	Média no fator Afetos negativos	Média no fator Realização
1. Professor	3,7	2,3	3,6
2. Professor	4,5	1,5	4,6
3. Professor	3,4	4,1	3,7
4. Professor	3,4	2,9	3,7
5. Professor	2,8	2,4	4,0
6. Professor	3,2	2,0	3,5
7. Professor	3,6	2,5	3,4
8. Professor	3,4	1,3	2,8
9. Professor	4,0	2,5	3,8
10. Professor	1,4	2,4	2,2
11. Professor	2,8	2,2	3,7
12. Professor	3,7	3,3	3,5
13. Professor	3,6	1,1	4,3
14. Professor	3,5	3,1	3,1
15. Professor	4,2	2,2	4,3
16. Professor	2,7	3,0	3,5
17. Professor	3,6	1,4	4,1
18. Professor	2,5	3,0	3,8
19. Professor	3,0	2,0	3,8
20. Professor	1,3	2,0	3,3
21. Professor	3,5	1,2	4,4

Fonte: dados da pesquisa

Os resultados demonstram que 11 dos professores (52%) apresentam características de bem-estar no trabalho (média de afetos positivos e realização > 3 e média de afeto negativo < 3) e 10 (48%) não apresentam. Ou seja, quase metade dos professores de História da educação básica, que responderam ao questionário, apresentam características de mal-estar no trabalho.

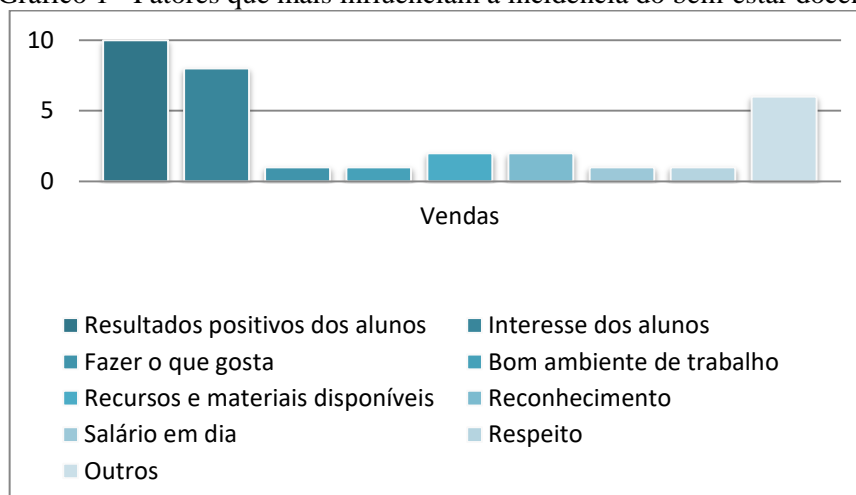
4.3. Causas do bem-estar/mal-estar

Para identificar os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar/mal-estar docente nos professores de História foram formuladas duas questões de respostas abertas no questionário, em que os respondentes podiam indicar esses fatores, se houvessem. Como técnica de análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo. Esse procedimento remete basicamente ao exame da frequência de ocorrência dos fatores citados pelos professores. Destacamos que os professores poderiam citar mais de um fator.

4.3.1. Fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar docente

Os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar docente citados pelos professores de História da escola básica podem ser observados conforme apresenta o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar docente



Fonte: dados da pesquisa

Na percepção dos professores que responderam ao questionário a incidência do bem-estar docente ocorre principalmente quando os alunos apresentam resultados positivos (32%), quando há interesse dos alunos (25%), quando há reconhecimento pelo trabalho prestado (6%), quando há recursos e materiais disponíveis para a realização das aulas (6%), quando há um bom ambiente de trabalho (3%), quando há respeito entre professores e alunos (3%), quando os salários estão em dia (3%) e quando há a possibilidade de fazer o que gosta (lecionar) (3%). Ainda foram citados, na categoria Outros (19%), fatores como o carinho dos alunos e a liberdade na profissão.

Em relação ao fator mais citado, observamos que os professores de História sentem o bem-estar quando alunos apresentam resultados positivos em diferentes dimensões. Nesse aspecto, foi citada a possibilidade de ajudar os alunos a conseguir entrar no ensino superior e também conseguir ajudar os alunos a desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Para além da sala de aula, um dos professores afirmou o seguinte:

Trabalho numa escola de crianças carentes, então nada é mais gratificante do que quando as crianças passam a perceber por conta própria que a educação é o caminho para uma vida com dignidade. Perceber que os alunos têm curiosidade de buscar e complementar informações por conta própria também é gratificante, mais do que qualquer demonstração de

reconhecimento que eles possam ter sobre a figura do professor (Professor 12).

Os resultados positivos dos alunos, então, podem ser entendidos tanto numa perspectiva mais prática: tirar uma boa nota na prova ou passar no vestibular. Ou numa perspectiva mais ampla, que representa uma transformação mais profunda ao pensar os alunos enquanto sujeitos críticos com olhar sensível para ler e (re) construir a realidade em que vivem.

4.3.2. Fatores que mais influenciam a incidência do mal-estar docente

Os fatores que mais influenciam a incidência do mal-estar docente citados pelos professores de História da escola básica podem ser observados conforme apresenta a tabela abaixo:

Tabela 5 - fatores que mais influenciam a incidência do mal-estar docente

Fatores citados	Porcentagem (%)
Desvalorização/falta de reconhecimento	20%
Baixo salário	11%
Carga horária	11%
Falta de estrutura da escola	11%
Pressão da coordenação/governo	11%
A violência/falta de segurança nas escolas	9%
Desrespeito	7%
Desinteresse dos alunos	7%
Indisciplina	4%
Falta de autonomia/liberdade na escolha de materiais e recursos didáticos	4%
Convívio com outros professores	2%
Falta de unidade entre os professores	2%
Outros	2%

Fonte: dados da pesquisa

Na percepção dos professores de História, que responderam ao questionário, a incidência do mal-estar docente se deve principalmente devido a desvalorização da profissão. 20% das citações referentes ao mal-estar correspondem à insatisfação dos docentes quanto à falta apoio e de reconhecimento dos professores na sociedade. Aqui, insere-se também “o não reconhecimento por parte de pais e chefes do esforço no cumprimento do fazer docente diário, bem como desvalorização cada vez mais presente da imagem/figura do professor, por vezes visto como profissional menor e substituível” (Professor 5).

Outros fatores citados foram os baixos salários e as altas cargas horárias de trabalho (11% ambos). Ressaltamos a existência do que podemos chamar “carga horária oculta”, uma vez que, muitas vezes, os professores acabam levando trabalho para casa. A falta de estrutura das escolas (11%), a violência (9%), o desrespeito (7%), o desinteresse dos alunos (4%) e a indisciplina (4%), já são fatores bastante conhecidos pelos professores, especialmente os que lecionam em escolas públicas.

Chama a atenção também que muitos professores se sentem pressionados pela coordenação da escola ou pelo governo (aqui através das secretarias municipais e estaduais de educação) para atingir determinados resultados. Os entrevistados afirmaram que há a prática de culpar somente os professores quando os alunos apresentam queda no desempenho ou não atingem as metas estabelecidas pela escola. Nessa perspectiva, o professor ganha um protagonismo paradoxal: nele se identifica a responsabilidade pelas mazelas do ensino e o mágico poder de extirpá-las (SHIROMA, MORAES e EVANGELISTA, 2000).

Foi citada também a falta de autonomia dos professores na escolha do material e dos recursos didáticos (2%), especialmente nas escolas particulares, onde os materiais trazidos pelos professores só podem ser usados após aprovação da coordenação da escola. Por fim, foi citada a falta de unidade entre os professores (2%), o que dificulta que a classe obtenha conquistas sociais, políticas e educacionais importantes.

Ainda há observações interessantes a serem feitas com relação aos dados obtidos. Notamos que o mal-estar docente se apresenta de maneira distinta entre os professores que lecionam em escolas públicas e os que lecionam em escolas particulares. De modo geral, o mal-estar docente apresentado pelos professores das escolas públicas é influenciado por fatores como a violência, os baixos salários e falta de estrutura da escola. Com relação a este aspecto o professor 3, que leciona em uma escola da rede municipal de ensino, afirmou o seguinte: “A violência. Já sofri ameaças de alunos. A falta de respeito, dos alunos para com os profissionais da educação, a falta de respeito de alguns pais ou responsáveis para com os professores” (Professor 3). As ameaças, que geralmente ocorrem de forma indireta, podem partir tanto dos alunos quanto dos familiares dos alunos.

Por outro lado, o mal-estar docente apresentado pelos professores das escolas particulares sofre influência principalmente da pressão da coordenação da escola e dos pais em busca de resultados positivos dos alunos. Sobre o mal-estar causado por esse fator, um professor que leciona em uma escola particular afirmou o seguinte:

Os pais acabam por transferir, único e exclusivamente, a responsabilidade de educar aos professores. Nessa transferência, os estudantes acabam por se transformar em frequentadores de sala de aula, onde são focadas as estratégias de desenvolvimento somente de habilidades cognitivas, esquecendo de aprimorar outros conhecimentos e valores, que são fundantes à consolidação de um cidadão crítico, participativo e justo. A nossa realidade é bastante cruel, sobretudo das escolas privadas, pois criamos a política da exaustão do ensino. Cumprimos uma carga horária intensa e devastadora, onde o estudante se vê diante de problemas de cobrança, de números, de resultados e, por não terem desenvolvido experiências de tolerância às adversidades e capacidade de resolução das questões-problema, marcam a sua ineficiência com estratégias de violência autodirigida. Em contrapartida, o acompanhamento que os pais dão aos filhos é da blindagem, onde culpar os fracassos e os erros, desde pequenos, aos coparticipes do processo (professores) é a tarefa primária, e nisso os filhos vão se desenvolvendo com deficiências sociais enormes. Essa postura familiar me choca profundamente, contudo, também sei que muitos professores deixam a desejar no processo de ensino e aprendizagem, mas educação não é algo que se obtém pagando meramente uma mensalidade (Professor 16).

O relato acima reflete a realidade vivida pelos professores das escolas particulares, em que a educação é, muitas vezes, entendida como uma mercadoria. Essa perspectiva pode ser entendida como reflexo da configuração neoliberal que ganhou força na educação brasileira, sobretudo, a partir da década de 1990. Ressaltamos que as escolas particulares de Teresina vêm despontando nos últimos anos nos rankings de melhores escolas do Brasil e nos que obtêm os melhores resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2016, duas escolas da cidade figuraram entre as 20 melhores do Brasil, na 3ª e na 16ª posição. Para que esses resultados sejam mantidos ou melhorados, são criadas estratégias e rotinas sistemáticas que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos. Os prazos são curtos e, segundo alguns professores, as cobranças são constantes e em lugares e momentos inoportunos, o que acaba gerando o mal-estar. Esse mal-estar vai refletir também nos alunos, pois a cobrança se estende a eles.

Essa pressão por resultados também existe nas escolas públicas, mesmo que seja em menor escala e com objetivos diferentes. Um dos professores afirmou que o seu mal-estar no trabalho é influenciado pela pressão do governo, representado pela secretaria de educação do estado, para passar de ano alunos, que em sua concepção não apresentam “a mínima condição de progressão” (Professor 10) com a finalidade de aumentar o índice de aprovação da escola. Essa prática, além de distorcer os dados sobre a realidade educacional no Estado, dificulta o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o aluno somente avança de série, muitos ainda sem saber ler e nem escrever, mas não progridem nos estudos.

Com base no que foi exposto podemos inferir que as causas do mal-estar são diversas e ele se apresenta de maneira distinta entre os professores das escolas públicas e os das privadas. A sua incidência tem influenciado negativamente prática educativa dos professores e o processo ensino-aprendizagem, além de trazer prejuízos ao emocional dos docentes. Além disso, percebemos serem verdadeiras as proposições levantadas pelo referencial teórico, uma vez que, como foi apontado por Esteve (1999) e Jesus (1998), o mal-estar docente reflete, entre outras coisas, a falta de apoio da sociedade aos professores, como indicaram também os entrevistados.

5. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo identificar os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar e do mal-estar docente a partir da perspectiva dos professores de História da educação básica. Além disso, buscou indicar os níveis de bem-estar no trabalho apresentados pelos professores. Para tanto, utilizou-se a Escala de Bem-Estar no Trabalho (EBET) proposta por Paschoal e Tamayo (2008). A pesquisa foi realizada junto a 21 professores de História que lecionam em escolas das redes pública e privada.

A pesquisa resultou nas seguintes constatações. Primeiramente, observamos que 52% dos professores que responderam ao questionário apresentam índices adequados ou elevados de bem-estar no trabalho. Por outro lado, quase metade dos professores apresenta características de mal-estar no trabalho (48%). Segundamente, identificamos que os fatores que mais influenciam a incidência do bem-estar entre os professores são: os resultados positivos dos alunos (32%), o interesse dos alunos (25%), o reconhecimento pelo trabalho prestado (6%) e a existência de materiais disponíveis para a realização das aulas (6%). Ademais, identificamos que os fatores que mais influenciam a incidência do mal-estar entre os professores são: a desvalorização da profissão (20%), os baixos salários e as altas cargas horárias de trabalho (11% ambos), a falta de estrutura das escolas (11%), a violência (9%), o desrespeito (7%), o desinteresse dos alunos (4%) e a indisciplina (4%). Também foi possível concluir que o mal-estar se apresenta de maneira distinta entre os professores das escolas públicas e os das privadas. Por fim, os professores destacaram que a pressão exercida pelas escolas impacta negativamente o trabalho docente, trazendo prejuízos para a prática educativa e para processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, a pesquisa efetuada alcançou os objetivos propostos e apresentou um panorama da questão do bem-estar e do mal-estar docente a partir da perspectiva dos professores de História da educação básica. De posse desses dados é possível que as escolas

adotem um conjunto de medidas ou de políticas que possibilitem melhorar o bem-estar e diminuir a incidência do mal-estar entre os professores.

Referências

- CERRI, Luis Fernando. A formação de professores de história no Brasil: antecedentes e panorama atual. **História, Histórias**. Brasília, vol. 1, n. 2, p. 167-186, 2013.
- CORDEIRO, Jaime. Os professores: identidade e formação profissional. In: CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- JESUS, Saul Neves de. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. Porto Codex – Portugal: Porto Editora, 1998.
- LIMA, Isana Cristina dos Santos; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Os significados e os sentidos do mal-estar docente na voz de uma professora em início de carreira. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, 16 (2), p. 295-312, 2013.
- MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.
- NICHES, Cláudia Cardoso. **Significados do mal-estar docente entre os professores de história**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.
- PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Alvaro. Construção e validação da escala de bem-estar no trabalho. **Avaliação Psicológica**. vol. 7, n. 1, p. 11-22, 2008.
- PICADO, Luís. Ser professor: do bem-estar para o mal-estar docente, 2009. Disponível em: <www.psicologia.com.pt> Acesso em 6 de março de 2017.
- PORTAL BBC BRASIL. Apesar de homenagens, professor brasileiro ganha mal e sofre mais violência. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39135600>> Acesso em: 06 de março de 2017.
- SAMPAIO, Maria Das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, 2004.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
- SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SILVA, Marco Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 60, p. 13-33, 2010.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias; PADOVAM, Valquíria Aparecida Rossi. Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 24, n. 2, p. 201-20, 2008.

Recebido em: 10 de março de 2017.

Aprovado em: 10 de novembro de 2017.